

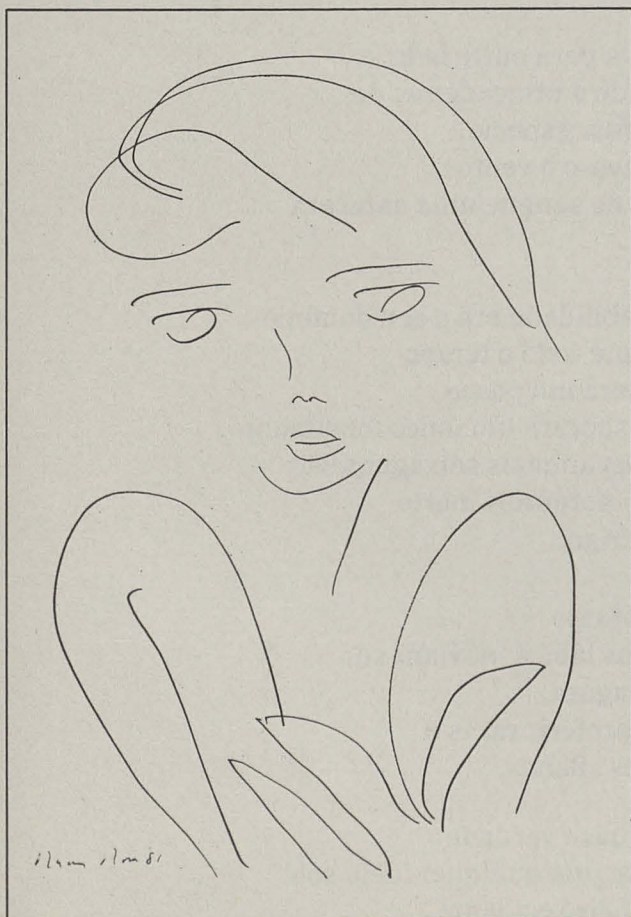
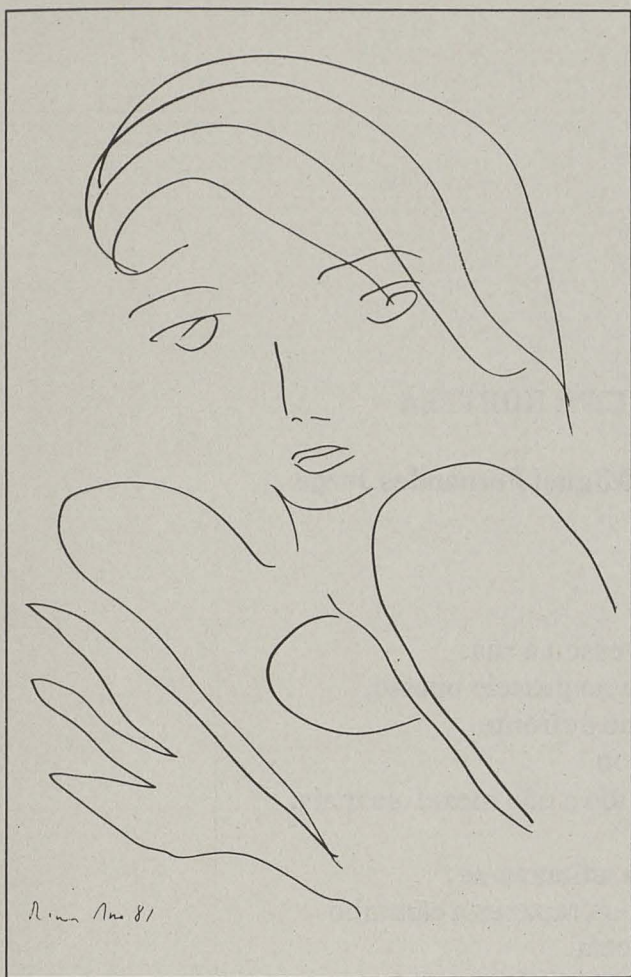
## PARA DIZER AS PALAVRAS ANTERIORES

António Ramos Rosa

O desejo do início e do silêncio  
para que o instante seja a fábula do instante  
O silêncio para dizer as palavras anteriores  
É o centro talvez a suspensão a perda  
o fundo: a ausência de cor  
fundo incessante que procuro defender  
do assédio do sentido contra  
as presenças acidentais e a agitação da superfície  
Sigo-lhe a curva oculta até à interdição:  
Como transpôr a parede circular  
das coisas?

Lá fora a forma opaca  
e provisória do ar as mesmas marcas  
coloridas a distraída escrita  
do acontecimento As pessoas passam  
inscritas na janela com as casas e as árvores  
e a árvore negra na curva, o céu oblíquo  
Um olhar geral penetra-me e na ausência  
de uma perspectiva já não sou  
uma visão do mundo mas a subterrânea  
corrente das intensidades do desejo  
Aqui reina a imagem de um olho global  
e é aqui que invento a metáfora da Figura.





Reconhecê-la é feri-la Travejá-la  
na pauta rígida transformá-la  
em palavras e madeira em arvoredo à chuva  
Aqui a violência lúcida penetra  
no corpo fugidio que é já outro reflexo  
e trabalha esse fragmento de vida errante  
Não como um objecto tudo na água flui  
e a rigidez articula-se em dicção metálica  
Pedra é esse corpo o seu corpo marinho  
mas também é água e vento nos meus dedos  
Pedaço a pedaço desfibro um reflexo vivo  
para construir um virtual fluxo ou linhas negras  
Quem revolve a terra e nela acha um insecto  
terá este prazer de inventar os cabelos  
ao sol do muro alto na folhagem!  
Maltrato-te Figura que foste imagem  
corrente desabrida no frio de um outro mês  
e dou-te as inflexões das sílabas do tempo  
com a paciência dos dedos e dos dentes  
para que neste exercício da paixão acordes nua